

1.

Introdução

“A que horas você dorme?” Essa é a pergunta que mais escuto há cerca de um ano desde que comecei a trabalhar de madrugada. Não fui parar no horário por acaso. Desde 2012, sou funcionário da Editoria Rio, da TV Globo. Esse é o setor da empresa responsável pelos jornais locais do Rio e também pelas matérias do Rio para os jornais em rede nacional. Comecei como estagiário do RJTV. Passei pela apuração. Fui contratado em 2013 e me tornei produtor de reportagem do Bom Dia Brasil. Em 2014, assumi o desafio de produzir as matérias do Rio para o Jornal da Globo. Lá pela metade do ano, fui o produtor responsável pela cobertura das eleições no estado. Ao fim do processo eleitoral, virei editor do recém-criado Núcleo de Projetos Especiais, cujo trabalho focava na cobertura de grandes eventos, como os Carnavais de 2015 e 2016, o Rock in Rio, os 450 anos do Rio e toda a preparação da cidade e dos atletas para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Olimpíada que marcou minha carreira. Foi nela que estreei como repórter de TV – um sonho de infância. Mas antes mesmo de agosto de 2016, mês dos Jogos, já tinha saído dos Projetos Especiais e me tornado repórter. O horário? De madrugada. Esse era o único horário disponível para a nova vaga. Comecei no final de maio – ainda fazendo pilotos¹. Mas foi quando percebi como os processos eram completamente diferentes aos dos outros turnos. Mesmo atuando como produtor e editor, fui muito à rua ao longo da minha trajetória. O objetivo de me tornar repórter fazia de mim aquele profissional que topava qualquer negócio para estar na rua e gravar umas passagens de teste. Antes disso, também, fui estagiário no Jornal O Dia, por um ano e três meses, participando de coberturas diversas fora da redação. O que eu estava vendo na madrugada naquele momento era completamente diferente de tudo o que tinha visto até então. O processo de apuração lembrava mais o que tínhamos aprendido na faculdade. Havia um coleguismo muito maior do que de dia, tanto nas relações pessoais como nas profissionais. Além disso, a dificuldade em conseguir informações era infinitamente maior. O espanto rendeu um comentário nas reuniões do TeJor – o grupo de pesquisa em Teorias do Jornalismo da PUC-RIO. Do comentário, veio o tema. “Por que não faz sua dissertação sobre isso?”, me

¹ Testes de vídeo

perguntaram. Eu não poderia imaginar a importância que a madrugada teria na minha vida: seria a minha porta de entrada para a reportagem, meu sonho antigo, e ao mesmo tempo seria o tema da minha dissertação de mestrado.

Não foi difícil perceber como o tema tinha relevância acadêmica que justificasse ser objeto de pesquisa. Os repórteres da madrugada se inserem em um grupo maior de trabalhadores que exercem suas jornadas entre a noite e a manhã. E, ao contrário do que o senso comum possa induzir a pensar, não são poucos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou em 2016 o quarto volume da Pesquisa Nacional de Saúde², que traz um panorama da saúde brasileira no ano de 2013. E constatou que no ano pesquisado havia uma estimativa de 13,4 milhões de brasileiros trabalhando no turno da noite, compreendido como aquele entre dez horas da noite e cinco horas da manhã. De acordo com a pesquisa, isso representa 14,9% dos brasileiros com mais de 18 anos ocupados. Ou seja, no universo de todos os brasileiros empregados em 2013, o IBGE estima que quase 15% trabalhavam no período noturno, que compreende a madrugada. No estado do Rio de Janeiro, onde a nossa pesquisa foi realizada, o percentual é ainda maior: 16,4% dos empregados em 2013 trabalhavam de madrugada³.

Ao mesmo tempo, é difícil encontrar produções acadêmicas sobre esse grupo significativo de trabalhadores. Em busca de referências e trabalhos anteriores sobre o tema, recorri à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Esta biblioteca reunia até maio de 2017⁴ um montante de 417.002 trabalhos armazenados desde o ano de 1997 de um total de 107 instituições de nível superior no Brasil que tenham cursos de pós-graduação. Na definição contida no próprio site: “a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) tem por objetivo reunir, em um só portal de busca, as teses e dissertações defendidas em todo o País e por brasileiros

² Tabelas disponíveis em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pns/2013_vol4/default.shtm>. Último acesso em 10 de maio de 2017 às 16h45. Para mais informações, conferir:

<<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3202&busca=1&t=pns-2013-12-4-pessoas-que-sofreram-acidente-trabalho-tiveram-sequelas>>.

³ O telejornal Bom Dia Brasil exibiu no dia 01 de julho de 2016 a reportagem “Mais de 13 milhões de brasileiros trocam o dia pela noite para trabalhar”. Segue link: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/07/mais-de-13-milhoes-de-brasileiros-trocam-o-dia-pela-noite-para-trabalhar.html>>.

⁴ Último acesso em 10 de maio de 2017 às 14h20.

no exterior”⁵. Encontrei apenas três trabalhos que tivessem a palavra “madrugada” no título. São as seguintes dissertações: “A poética metaficcional de Sérgio Santanna no voo da madrugada”, defendida por Odirlei Viane Uavniczak na Universidade Federal de Santa Maria em 2014; “Programa Madrugada Viva: análise da implementação de política pública de redução da violência e acidentes no trânsito causados pelo uso indevido de álcool no estado do Espírito Santo”, defendida por Andréa dos Santos Nascimento na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2008; e “Gangues da madrugada: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990”, defendida por Naigleison Ferreira Santiago na Universidade Federal do Ceará, em 2011. Devido ao baixo número de resultados, a biblioteca sugere ainda uma busca alternativa pela expressão “madruga” em títulos de trabalhos. Os novos resultados encontrados são: a tese “A trajetória crítico-pessoal da personagem Madruga em A República dos Sonhos, de Nélide Piñon”, defendida por Lucia Regina Lucas da Rosa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2012; a dissertação “Deus ajuda quem cedo madruga? História do valor do trabalho como discurso: uma desconstrução biológica”, defendida por Carlos Alberto de Cicco Ferreira Filho na Universidade de São Paulo em 2016; e a dissertação “Quem cedo madruga, Deus ajuda?”, defendida por Débora dos Santos na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2011, que, apesar do nome sugestivo, não trata das relações de trabalho na madrugada, mas sim da inserção dos jovens no mercado de trabalho e das filas de emprego nas primeiras horas do dia. Se o termo “madrugada” for pesquisado tendo como parâmetro “todos os campos” – o que inclui além do título, o nome do autor, o assunto, a instituição e *tags* ao longo do texto – são encontrados 92 registros. Dos quais, apenas três diziam respeito ao campo da comunicação, mas tratavam dos programas que a Igreja Universal do Reino de Deus exibe durante a madrugada nas programações de algumas emissoras, sem haver nenhuma referência à prática jornalística nesse período do dia. Recorri também à ferramenta “Google Acadêmico” – um repositório de artigos e trabalhos acadêmicos do buscador *Google*. Considerando que essa ferramenta faz a pesquisa dos termos em um universo maior – que inclui todo tipo de artigos publicados tanto em congressos quanto em revistas –, optei por usar quatro expressões na busca, sempre entre aspas,

⁵ Informação contida em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/Contents/Home?section=what>>. Último acesso em 10 de maio de 2017 às 14h20.

para tentar identificar algum trabalho sobre o tema: “repórter da madrugada”, “repórteres da madrugada”, “jornalista da madrugada”, “jornalistas da madrugada”. Encontrei dois registros, sendo um trabalho de conclusão da graduação em jornalismo que trata das práticas profissionais em tempos digitais defendido por Thiago Giordano Tieze na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2011; e uma tese de doutorado da área da psicologia sobre repercussões de morte violenta na vida dos sobreviventes, defendida por Clodine Janny Teixeira, na Universidade de São Paulo, de 2016. No primeiro trabalho, o autor pesquisa o funcionamento da redação de um site, onde o trabalho acontece ao longo das 24 horas de um dia, sem, no entanto, descrever ou explicar as rotinas que acontecem de madrugada; no segundo a referência ao jornalismo se dá por um repórter ter sido fonte da pesquisadora no que tange à cobertura de mortes violentas, quando trabalhava de madrugada. Em um bate-papo com o meu orientador, ele se lembrou do livro de Erika Franziska Herd “O Amigo da madrugada. O fenômeno Adelzon Alves”, publicado na década de 1970, que trata de um comunicador do rádio brasileiro, ainda em atividade, criador de um programa de rádio sobre samba no horário referido.

Ou seja, a pesquisa anterior somada aos dados do IBGE justificam a relevância deste trabalho. Não encontramos em diversas buscas nenhum estudo que tenha como objeto os milhares de brasileiros que trabalham de madrugada, muito menos, aqueles que atuam nas redações. Os repórteres da madrugada não foram até o momento alvos de inquietação acadêmica. É considerando essa ausência de trabalhos anteriores e o percentual significativo da população no qual o grupo pesquisado se insere que justificamos a escolha do tema desta dissertação.

A nossa questão central é a seguinte: como as práticas jornalísticas e a rotina dos profissionais da madrugada são diferentes daqueles que trabalham em período diurno? Isto é, o que se procura entender aqui é quais são as práticas, rotinas e estratégias adotadas pelos jornalistas para exercerem seus trabalhos neste determinado horário. Na busca dessas respostas, partimos de algumas hipóteses. Elas serão mais trabalhadas, embasadas e desenvolvidas no capítulo 4, mas já as apresento, pois, desde o início, esta dissertação é construída em uma linha de pensamento que tem por objetivo confirmar ou refutar essas hipóteses. São elas: a) há uma colaboração entre os jornalistas de diferentes veículos na madrugada; b) o processo de apuração de madrugada é à moda antiga, ou seja, o jornalista tem menos

filtros no processo de apuração com as fontes; c) o trabalho na madrugada tem limitações impostas pelo horário – como segurança e tecnologia – que interferem diretamente na seleção das pautas e em como elas tomarão forma na veiculação final; d) os repórteres se apropriam mais da relação com as fontes para o processo de apuração do que de dia; e) os repórteres vão mais às ruas para construir uma reportagem do que de dia.

As respostas e conclusão a que aqui chegamos são frutos de entrevistas em profundidade com os profissionais que trabalham de madrugada nas diferentes empresas jornalísticas e de uma pesquisa de campo com viés reflexivo. O olhar para si é pelo fato desta pesquisa e as observações dela terem se dado a partir da minha atuação como repórter da madrugada, ou seja, inserido no grupo que pesquiso. A reflexividade estará presente ao longo de todo este trabalho, a começar por esta Introdução. Não foi inocentemente nem, muito menos, por vaidade que comecei o capítulo falando da minha trajetória no jornalismo. A intenção era mostrar que ao longo desta dissertação o meu olhar como participante do campo pesquisado estará presente.

Ao analisarmos os jornalistas que atuam de madrugada não podemos esquecer, no entanto, o contexto em que esse trabalho se insere. O jornalismo passa por mudanças, assim como a identidade dos seus profissionais (WALTZ, 2015). A proposta aqui não é ignorar a convergência (JENKINS, 2009) e nem a desterritorialização que a *web* gera na produção dos conteúdos informacionais (LE MOS e LEVY, 2010). Mas, sim, discutir como esses processos impactam nas práticas e rotinas jornalísticas exercidas na madrugada, entendendo que a blogosfera e as comunidades participativas amplificam os assuntos selecionados pela mídia tradicional como aponta um relatório do *State of the News Media* e também o trabalho de Reese, Rutigliano, Hyun e Jeong (2007 *apud* BARSOTTI, 2012).

Na busca dessas respostas, partiremos da premissa de que o jornalismo é “uma realidade muito seletiva construída através de inúmeros processos de interação social entre os profissionais do campo jornalístico” (TRAQUINA, 2005, p.205). Esta dissertação se classifica como construtivista, pois entende a atividade jornalística como construída e construtora da realidade social. A obra de Berger e Luckmann nos lembra que “a ordem social não faz parte da ‘natureza das coisas’ e não pode ser derivada das ‘leis da natureza’”. A ordem social existe *unicamente*

como produto da atividade humana” (2014, p.74, grifo do original). Desta forma, não podemos tratar a notícia apenas como algo produzido, como se nessa produção não acontecessem embates, seleções, escolhas, recortes e como se essas práticas fossem inocentes, ignorando aspectos desde a rotina de trabalho até a bagagem pessoal do produtor, ou melhor, do construtor: o jornalista – um profissional com saberes específicos, como “capacidade de recolher e processar informação, de verificar factos (...) (saber de procedimento); domínio das técnicas de redacção jornalística (saber de narração); capacidade de reconhecer o que é notícia (saber de reconhecimento)” (ERICSON, BARANEK e CHAN, 1987 *apud* SOUSA, 2006, p.232). A aplicação desses saberes e dessas características consiste no processo de construção da notícia. Alguns autores dividem o trabalho jornalístico em quatro principais momentos:

- 1) Planejamento. Os acontecimentos previsíveis são fixados a longo prazo para poder prever os recursos e oferecê-los. A curto prazo se estabelece a cobertura das notícias desse dia.
- 2) Recopilação. Os correspondentes e repórteres conseguem material para as notícias e o levam para a redação
- 3) Seleção. O material dos correspondentes e dos repórteres é recolhido, como também o material divulgado pelas agências. Esse material passa pelo crivo, até um número limitado de itens e até chegar à transmissão final.
- 4) Produção. Os itens selecionados são ordenados e são levados até uma produção adequada, estando prontos para sair no programa (Golding e Elliot, 1979, *apud* RODRIGO ALSINA, 2009, p.183).

É nessa linha que se desenvolve o segundo capítulo, chamado de “Os bastidores da notícia”. Ele é dividido em quatro seções, que tratam das etapas de construção da notícia: a descoberta do acontecimento, a seleção, a apuração e a redação. A proposta aqui é mostrar como a notícia se desenvolve desde a descoberta de um acontecimento potencial até a edição do texto. O detalhamento das atividades práticas da carreira, no entanto, não está alheio à reflexão teórica. São discutidos também conceitos que permeiam a rotina jornalística. Nosso percurso teórico é guiado por autores como Sodré (2001, 2012), Tuchman (1978, 1999), Genro Filho (1987), Lippmann (2010), Rodrigo Alsina (2009), Lage (2005, 2006 e 2008) e Argolo (2004).

A primeira seção se chama “As origens da notícia”. O título reflete dois aspectos distintos: a origem do conceito de notícia a partir de uma linha do tempo que começa no hábito da narração e segue até o surgimento da imprensa moderna; e a discussão de como surge a notícia no nosso cotidiano a partir dos fatos e

acontecimentos. A partir da definição de que “o jornalismo não produz um tipo de conhecimento, tal como a ciência, que dissolve a feição singular do mundo em categorias lógicas universais, mas precisamente reconstitui a singularidade, simbolicamente” (GENRO FILHO, 1987, s/p), desenvolvemos como os fatos podem se tornar notícia e a importância da temporalidade nesse processo de construção. Tempo que vai influenciar inclusive o valor-notícia de determinado acontecimento, conforme trabalhamos na seção destinada aos processos de seleção e hierarquização das notícias. A proposta é destacar uma perspectiva histórica das classificações dos critérios de noticiabilidade, entendendo as características em comum entre os diversos critérios e classificações, como a ruptura e o desvio (SILVA, 2014). O processo de apuração é o tema da terceira seção. A ideia neste trecho é destacar a importância da precisão das informações e as técnicas de reportagem essenciais ao trabalho jornalístico. O papel que o jornalista assume nessa reconstrução da realidade é analisado: “o jornalista, por princípio, não é só testemunha daquilo que o leitor não pôde ter acesso. É um processador das camadas verificáveis da realidade” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p.71). Por fim, a discussão gira em torno do texto jornalístico. O uso da ordem direta, a importância de as informações mais importantes estarem no início, a resposta às perguntas básicas do lide: todos esses detalhes são discutidos, sem perder de vista em que contexto histórico e cultural se tornaram regra no jornalismo.

A objetividade, a neutralidade e a imparcialidade – ideais associados a um modelo de jornalismo moderno, empresarial – não foram novidades do jornalismo dos anos 50. Essas ideias já vinham ganhando força há muito tempo. A década de 1950, entretanto, foi um momento crucial para a sua afirmação, um momento fundamental para sua incorporação definitiva ao ideário / imaginário jornalístico (RIBEIRO, 2007, p.27).

O texto e a objetividade jornalística são analisados não apenas pela perspectiva da imprensa escrita. Se em um primeiro momento cogitamos ter uma seção à parte para discutirmos as peculiaridades do jornalismo falado – rádio e TV –, decidimos posteriormente apresentar as semelhanças e diferenças entre o meio ao longo das seções temáticas. Em um contexto de convergência das mídias, essa separação se torna obsoleta. A prática jornalística é a mesma. As diferenças não são em relação a ideologias e nem a conceitos, são apenas provocadas por adequações que o meio exige. E é inegável como, no contexto dos fluxos comunicativos, esses meios assumem papéis importantes.

É na televisão, onde a câmera do helicóptero nos permite ter acesso a uma imagem da densidade do tráfego nas avenidas ou da vastidão e desolação dos bairros de invasão. É na TV ou no rádio que cotidianamente *conectamos* com o que acontece na cidade “que vivemos” e nos envolvemos com os acontecimentos, por mais longe que deles estejamos: do massacre do palácio da justiça ao contágio de AIDS no banco de sangue de uma clínica, do acidente de tráfego que bloqueia a avenida pela qual devo chegar ao meu trabalho, aos avatares da polícia que fazem cair os valores na bolsa (MARTÍN-BARBERO, 1998, p.62, grifo do original).

O terceiro capítulo trata do campo em que todas as práticas profissionais se inserem. Este capítulo, chamado de “A construção da notícia”, é a reflexão sobre os poderes, os saberes e a relação de forças que envolvem o fazer jornalístico. Tudo começa com uma releitura das múltiplas teorias do jornalismo – a partir da divisão de Traquina (2005) e com a contribuição de outros autores como Sousa (2006). Entender por que as notícias são como são é o primeiro passo para compreender o complexo feixe de relações em que o jornalismo está imerso. Como apontado por Traquina, as teorias do jornalismo não são exclusivas. Entender cada uma delas, seus pontos positivos e negativos, é um arcabouço necessário para compreensão da *praxis* jornalística.

Ao longo de várias décadas, e depois de muitos estudos realizados sobre o jornalismo, é possível esboçar a existência de várias teorias que tentam responder à pergunta porque as notícias são como são, reconhecendo o fato de que a utilização do termo “teoria” é discutível, porque pode também significar aqui somente uma explicação interessante e plausível, e não um conjunto elaborado e interligado de princípios e proposições. De notar, também, que estas teorias não se excluem mutuamente, ou seja, não são puras ou necessariamente independentes umas das outras (TRAQUINA, 2005, p.146).

As teorias dialogam entre si, permitindo diferentes visões de um mesmo processo. Apresentamos uma a uma até chegarmos ao grupo de teorias do qual este trabalho se considera participante: as construcionistas. A partir daí, partimos para o campo jornalístico e as relações de forças que nele existe. “Um campo de forças” é uma proposta de entender as relações de poder que se estabelecem nas práticas jornalísticas. Se na primeira seção discutimos os impactos que as rotinas produtivas e que os jornalistas exercem sobre o produto “notícia”; na segunda seção deste capítulo queremos investigar como funciona esse campo, especialmente do ponto de vista de forças. As teorias construcionistas nos fornecem embasamento para compreendermos que as escolhas que ocorrem desde a seleção dos acontecimentos até as palavras usadas nos textos jornalísticos são frutos de embates, pois cada uma dessas possibilidades traz significados. Como os saberes, a linguagem e o discurso são elementos de poder nesse contexto? De que forma o poder instituído tenta

influenciar o discurso dos *media*? São as discussões que temos nesta seção, baseados primariamente nas obras de Bourdieu (1997, 2004, 2008 e 2016) e Foucault (2009, 2012). Partimos, então, para uma reflexão sobre o papel do protagonista desse campo: o jornalista. As múltiplas características que compõem o *ethos* do jornalista são o tema da seção seguinte, que se desenvolve a partir dos textos de Barbosa (2007, 2010), Traquina (2005) e Travancas (1997). “Os jornalistas partilham valores e formas de ver e fazer as coisas que estruturam uma cultura profissional” (SOUSA, 2006, p.232). A ideia é mostrar como a identidade do jornalista se modificou ao longo dos anos e como atualmente está sendo impactada pelas práticas colaborativas. Aqui, se discute ainda o conceito de jornalista sentado (NEVEU, 2009; ADGHIRNI, 2006), que entende o profissional como um “burocrata da notícia”. Segundo os autores, há uma mudança na identidade desse grupo. “O jornalista herói está com os dias contados. A imagem romântica do jornalista já não existe. Surge no lugar deste, um profissional híbrido, versátil, ora atuando no campo das mídias ora servindo aos senhores do campo da comunicação” (ADGHIRNI, 2005, p.47). Por fim, o capítulo 3 termina com uma breve introdução ao jornalismo da madrugada. A ausência de referências bibliográficas sobre o assunto nos leva a traçar um esboço de suas origens. Os depoimentos obtidos nas pesquisas de campo com entrevistados mais antigos contribuem para esse percurso.

O quarto capítulo é o resultado do trabalho de pesquisa a que esta dissertação se propõe. Ao longo do texto, fazemos o diálogo entre o que foi registrado nas entrevistas em profundidade e também na pesquisa de campo. O título “Práticas, rotinas e estratégias” remete à questão central deste trabalho. A ideia aqui é entender em que o jornalismo da madrugada se diferencia daquele praticado em horário diurno. As seções foram separadas de acordo com os temas abordados nas entrevistas. A primeira delas é um debate sobre a metodologia adotada, partindo do que foi proposto por Geertz (1999), Duarte (2014), Becker (1993 e 2007), Ellis e Bochner (2000), Roxo (2005) e Dunne, Pryor e Yates (2005). A segunda parte desse capítulo trata dos personagens destas entrevistas – quem são os repórteres da madrugada que contribuem para que esta dissertação possa estudar o grupo como um todo. Em seguida, partimos para os resultados: primeiro em relação ao processo de apuração nas redações, em seguida sobre a ida dos repórteres à rua, passando pela cadeia de solidariedade, as limitações e desafios que enfrentam, a questão da

violência e, por fim, um olhar dos próprios repórteres sobre os trabalhos que exercem. Nesse capítulo, mesclamos os resultados da pesquisa com conceitos e trechos abordados por autores referenciais deste trabalho. As histórias contadas pelos repórteres da madrugada também ganham destaque ilustrando o início de algumas seções.

As próximas páginas são um mergulho no universo dos repórteres que trabalham duro para que o público acorde bem informado. Esse grupo, pouco lembrado em trabalhos anteriores, ganha aqui espaço para ser visto, entendido e até mesmo criticado.